



Falta de manutenção de passarelas põe pedestres em risco

A má conservação da estrutura e inadequação às normas de acessibilidade são características comuns de, pelo menos, metade das 22 passarelas instaladas na cidade de Salvador. Fiação exposta, diversos pontos de ferrugem, pequenas rachaduras na parte superior e na base, além do excesso de ambulante e sujeira são alguns dos percalços enfrentados pelos usuários dos equipamentos. A Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder) se comprometeu a fazer uma reforma geral nas passarelas ao longo do ano.

Em junho do ano passado, técnicos do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea/BA) vistoriaram os equipamentos localizados na Estação de Transbordo do Iguatemi e Avenida Tancredo Neves. Inadequação de normas de acessibilidade para portadores de deficiências, idosos e crianças foi o ponto mais destacado do laudo. Entre os erros apontados pelo documento estão a ausência de pavimentação antiderrapante, inclinação inadequada das rampas – altura incorreta corrimãos, presença de obstáculos (vendedores ambulantes e fixeiras) e ausências de policiais.

A equipe de reportagem do *Correio da Bahia* visitou 11 passarelas, ontem pela manhã, e comprovou que elas necessitam de uma série de reparos em graus variados. Os equipamentos estão localizados nas avenidas mais movimentadas da capital por onde passam, diariamente, centenas de milhares de soteropolitanos – avenidas Paralela, ACM, Bonocô e Vasco da Gama.

Com a estrutura das linhas do metrô passando a poucos metros de distância e marcadas por uma sujeira alastrante, as quatro passarelas da Avenida Bonocô geram insegurança entre os pedestres. E o motivo para o medo não é apenas um. A primeira passarela para quem vai em direção ao centro da cidade, que liga os bairros de Cosme de Farias e Bonocô, apresenta fiação exposta, pequenos buracos no piso, ferrugem por todos os cantos e um enorme de quantidade de lixo acumulado. "O pior é de noite, porque, volta e meia, as lâmpadas são quebradas pelos assaltantes, que fazem a festa

no escuro", diz a dona de casa Cátia Santos, 38 anos.

A presença maciça de ambulantes é outro fator de incômodo. Sem autorização para estarem no local, eles tomam espaços e atrapalham a circulação das pessoas com suas bugigangas à venda. Mas até os próprios ambulantes se queixam: "Eu trabalho há um ano aqui e nunca vi ninguém avaliar o estado desta passarela. Só aparecem aqui para trocar as lâmpadas e olhe lá", diz Judson Silva, que vende CDs numa das passarelas da Avenida Vasco da Gama.

A passarela localizada na Avenida Paralela, à altura da antiga sede do *Correio da Bahia*, apresenta os mesmos problemas das suas congêneres do Bonocô. "O que aconteceu com a Fonte Nova foi resultado de anos de abandono. Será que precisa acontecer uma desgraça para a prefeitura cumprir sua responsabilidade", questiona o industrial aposentado Jackson Santiago, 53 anos. Ele traz à lembrança o desabamento de parte de arquibancada da Fonte Nova que matou sete torcedores do Bahia, em 25 de novembro.